

“EU SÓ QUERIA SABER QUE CAMINHO TOMAR”¹: trajetos de um corpo/historiador na arquitetura urbana

“I JUST WANTED TO KNOW WHICH PATH TO TAKE”: trajectories of a body/historian in urban architecture

Iranilson Buriti de Oliveira²

UFMG: <https://orcid.org/0000-0001-8176-6670>

DOI: 10.21680/1982-1662.2026v9n43ID41312

Resumo

Este artigo narra a trajetória formativa de um sujeito oriundo da zona rural para o espaço urbano e universitário da cidade de Campina Grande (PB), tendo como fio condutor as experiências subjetivas e os deslocamentos simbólicos vividos durante o curso de graduação em História. O texto se estrutura como um relato autobiográfico que entrelaça memória, espaço, corpo e educação, analisando como a cidade, entendida como texto e discurso, molda identidades e reconfigura subjetividades. A narrativa explora as transformações sensoriais, emocionais e intelectuais do autor diante da cidade, da universidade e das relações sociais que emergem nesses contextos. Fundado em referências teóricas como Michel de Certeau, Michel Foucault e Walter Benjamin, o artigo propõe uma leitura sensível do urbano como experiência formativa. A cidade de Campina Grande aparece como um palimpsesto que reescreve o corpo e a trajetória do historiador, revelando a complexidade dos processos de pertencimento, exclusão, resistência e reinvenção.

Palavras-chave: Autobiografia. Cidade. Subjetividade. Formação. Corpo.

¹ CARROLL, Lewis. Alice no país das maravilhas. São Paulo: Arara, 2022.

² E-mail: iburiti@yahoo.com.br

Abstract

This paper narrates the formative journey of a subject who migrates from a rural environment to the urban and academic setting of Campina Grande (PB), Brazil. Structured as an autobiographical narrative, the text intertwines memory, space, body, and education, examining how the city—conceived as both text and discourse—shapes identities and reconfigures subjectivities. The narrative explores the author's sensory, emotional, and intellectual transformations throughout the undergraduate experience in History. Drawing on theorists such as Michel de Certeau, Michel Foucault, and Walter Benjamin, the article offers a sensitive reading of urban space as a pedagogical territory. Campina Grande emerges as a palimpsest that rewrites the historian's body and trajectory, revealing the complexity of processes involving belonging, exclusion, resistance, and self-reinvention.

Keywords: Autobiography. City. Subjectivity. Formation. Body.

Introdução

A cidade é um texto em movimento, uma rede tecida por olhares, gestos, sentidos e corpos. A cidade é palimpsesto, uma narrativa que me agarra e me faz falar, que toma o meu corpo e o faz andar. Cidade-discurso, viatura de possibilidades, que muda as suas linguagens pois não pode ser interpretada, apenas, como pedra e cal, em seu aspecto físico. Ela, a cidade, é também a vida que pulsa dentro dos sujeitos, como diz Malerba (2000). É um emaranhado de fios de significados, compostas por bairros com suas histórias e com ruas que se emocionam cotidianamente. São as ruas cheias e bulhentas, o dia a dia das residências, as etnias em trânsito, o tráfico e o tráfego de mercadorias e de costumes, os sujeitos acelerados que caminham nas paisagens urbanas e pontilham as ruas calçadas ou lamacentas com as suas histórias, com os seus gestos, com a sua vida, com a sua morte, com as suas tramas e dramas, com as suas histórias ocultas e cultas.

A cidade acelera por fora, mas antes disso tudo os sujeitos, como eu, aceleram por dentro. Mudam as suas concepções, suas visões, seus tatos. Vindo do ambiente rural, meu olfato foi educado pelos novos cheiros. Meu paladar desejava um novo alimento, uma comida que viesse de fora, de outros lugares, de outros espaços, de cantinas, quiosques, fiteiros, restaurantes, vendinhas. Nascido na zona rural, numa comunidade chamada Cisplatina, município de Pedra Lavrada (PB), fui estudar, aos 19 anos de idade, em Campina Grande. Meu novo coração universitário, urbano e pulsante estava querendo outras batidas, outros batimentos. Estava diante de um novo texto, de uma paisagem que falava “de sua tecnologia, de sua produção material”. Seus monumentos e seus pontos simbólicos falavam da vida intelectual dos que nela habitam e dos seus visitantes; “seus caminhos e seus trânsitos falavam das mais diversas atividades que no seu interior se produzem; seus mendigos falavam da distribuição de sua riqueza ao estender a mão em busca de esmolas” (Barros, 2007, p. 40). O campus da UFPB falava dos códigos intelectuais e, assim como as ruas, também marcavam as divisões de classes e a condição socioeconômica de seus estudantes.

Ruas, casas, monumentos. Como as letras de um alfabeto, podem ser pacientemente decifradas, lidas, decodificadas, problematizadas por seus habitantes ou por seus estudiosos. Cidade-discurso que se apresentava como devoradora de costumes ao me apresentar os espaços do cinema Babilônia, tão diferentes do púlpito das igrejas evangélicas que frequentava. No cinema, assisti Ghost - do outro lado da vida, e parecia que tinha cometido um terrível pecado ao expor meus olhos e minhas emoções a um filme espírita. O discurso religioso-protestante que me habitava acusava-me, ecoava em minhas entranhas como flechas incendiárias, como uma presença que, assim como Ghost, me seguia. Representava “[...] desvio e divertimento, heresia e poesia”, como assevera (Certeau, 1982, p. 197).

Cidade-texto. Como uma língua estrangeira, confunde os seus habitantes, os seus praticantes. As muitas placas das lojas, a poluição visual, as línguas estranhas que chegam dos quatro cantos como uma glossolalia espiritual. Em êxtase, vivi os meus primeiros dias na cidade, deslocando-me diariamente da Rua Getúlio Cavalcanti (Liberdade) para a Avenida Aprígio Velloso (Bodocongó), onde estava o Campus da UFPB. Nesses trajetos diários, meus olhos se reviravam orbitalmente, procurando os

signos do novo tempo presente e tentando traduzi-los. O mundo exterior que passava pela janela do ônibus 101 cativava meus olhos, seduzia meu espírito, maravilhava-me e espantava-me. O olho, como afirma Certeau, “está a serviço de uma ‘descoberta do mundo’. É a cabeça-de-ponte de uma ‘curiosidade’ enciclopédica” (Certeau, 1982, p. 230).

Cidade-escrita. Como uma página em branco, os seus autores vão escrevendo novas histórias, novos escritos, narrativas sobre progresso, igualdade, direitos do homem, reforma da educação, reforma da saúde, instrução pública, boas maneiras, cultura religiosa. A cidade de Campina Grande (PB) se apresentava para mim como um texto de muitos parágrafos e de vários sentidos. É um texto polifônico. Nesse texto, os pedestres caminham, observam cenários, vivenciam possibilidades e interditos, segregam ou são segregados, experimentam emoções olfativas e táteis, respiram o seu ar. Inscrevem suas histórias. “O grande texto urbano aloja dentro de si textos menores, feitos de placas de ruas que evocam memórias e imaginários, de cartazes que são expostos nas avenidas para seduzir e informar”. A cidade “é um grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos, inclusive os das pequenas conversas produzidas nos encontros cotidianos” (Barros, 2007, p.45).

Cidade de Campina Grande. Geografia de muitas fronteiras. Cidade-educada pelas instituições públicas e privadas. A educação dos sentidos e o cuidado com o corpo urbano e com a sua fisiologia por meio da mudança de um comportamento sanitário almejava, por parte das autoridades públicas, muito mais que a interdição compulsória dos “maus costumes”. Desejava a produção de dispositivos pedagógicos que possibilitassem uma nova leitura sobre si mesmo, levando-me a constituir uma hermenêutica de si, prestando atenção ao seu corpo, cultivando um jeito de vestir-me, um modo de viver, produzindo-me e conhecendo-me como sujeito urbano, deixando a poeira do sítio e agarrando-me a novos pós. É mediante esse cuidado de si que adquiro a instrução e a educação que os novos tempos exigem, fazendo uma leitura de si, embora esta também seja limitada pelos condicionamentos socioculturais e históricos do meio em que vivo.

Este texto fala sobre essas cidades que nasceram e cresceram em mim após ser aprovado no vestibular e precisar deixar a zona rural e morar em Campina Grande.

Acostumado com as veredas e estradas de barro, precisei traçar novos trajetos físicos e sentimentais e tornar a minha pele humana, também urbana.

Fronteiras

Abril de 1990. Ano de fronteiras, de desvios de caminhos, de conquista de novos territórios. Depois de vivências sócio-pedagógicas como aluno de quatro escolas públicas (Escola Rural Mista Manoel Casado de Oliveira, no sítio Cisplatina (Pedra Lavrada), Escola Estadual Rural Mista Santa Ana Albuquerque, no Distrito Cumaru (Pedra Lavrada), Colégio Municipal José Vitorino de Medeiros, no Distrito de Sossego (Cuité) e Colégio Estadual Professor Graciliano Fontini Lordão (Pedra Lavrada-PB)), um sonho começa a se “materializar”. Esse mês e ano foram marcados pela minha chegada à academia, mais precisamente, ao ingresso no curso de História do campus II da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em Campina Grande e no curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Dava-se início ao passeio pelos lugares desconhecidos, pelos “mares nunca dantes navegados”, pelas experiências urbanas, pela pluralidade de percursos, caminhando pelos bairros da cidade: Liberdade, Prata, Santo Antônio, Monte Santo, Bodocongó, Nova Brasília. Saindo da zona rural, ingressei por vias e transvias de uma cidade desconhecida, um lugar de paisagens impactantes ou fugidias, calorosas ou frias, amedrontadoras ou libertadoras, enfrentando tempestades ou bonanças, monstros, piratas de uma cidade grande, pelo menos, a maior que conhecia até então.

Depois de ser aprovado em 3º lugar para o curso de História da UFPB e em 1º lugar para Geografia, na UEPB, comecei o ano de 1990 cursando as duas graduações. A História me seduziu de tal forma que só terminei um período letivo de Geografia. Não voltei mais. Clio foi mais forte que Gaia e as árvores e blocos de aula do campus II foram mais sensíveis que o tom colegial do antigo Centro de Educação (CEDUC) da UEPB, sem árvores, restaurante universitário e sem muita sedução. Aqui lanço mão do memorial de Scarllet Marton quando diz: “Minhas ‘escolhas’ não poderiam ser outras; se pudessem, teriam sido. A ‘escolha’ não se faz só pelo que contempla, mas pelo que recusa. Afinal, decidimos muito menos do que supomos ou imaginamos decidir” (Marton, 2003, p. 14).

Egresso do Colégio Estadual Graciliano Fontini Lordão (Pedra Lavrada) e com uma formação influenciada pela perspectiva tradicional e mecanicista, vi a academia como uma geografia da superação e do alçar novos voos: superar as lacunas curriculares deixadas pelo ensino de má qualidade das escolas de ensino ginasial e científico nas quais estudei. No primeiro dia de aula na Universidade, eu me sentia como Alice no País das Maravilhas: “Eu só queria saber que caminho tomar, pergunta Alice / Isso depende do lugar aonde quer ir, diz o Gato tranquilamente” (Carroll, 2002, p. 59).

E nesse “país de maravilhas”, eu escolhi que caminho seguir: o trajeto da leitura e da crítica histórica. Eu, um filho de agricultor com uma funcionária pública municipal, morador da zona rural de Pedra Lavrada, estava matriculado em uma universidade pública, de boa qualidade, gratuita, com restaurante universitário, onde podia almoçar e jantar e assistir aulas com excelentes professores. Claro que a “escola para todos” continuava a ser a “escola para poucos”, por isso, não poderia - nem deveria - perder a chance que ora tinha recebido. Desde o início, decidi que cada autor indicado pelo corpo docente do curso de História seria para mim uma oportunidade de superar as deficiências trazidas do que hoje chamamos de Ensino Médio³, mas, à época, Segundo Grau.

A partir do curso de graduação, redesenhei meu corpo como um território de obediência e de submissão, um corpo disciplinado para o estudo e para o fazer historiográfico (Foucault, 2017). Envolto em textos e atividades, precisava permanecer, por horas, sentado e calado, atravessado pelo desejo de compreender os autores e entregar as tarefas em dia. Anos mais tarde, os óculos e a fisioterapia me cobraram essa docilidade corporal.

Comecei a fabricar a história em “uma relação de urgência” com o meu tempo, respondendo às suas solicitações, aos seus chamados. Mas como o sujeito histórico só se reconhece como tal pela alteração que lhe causa os encontros com as diversas formas de alteridade, procurei reconhecer as minhas identidades nos palcos dos outros (Silva 2000; Hall, 2004). Algo que me chama atenção, até hoje, é que as marcas de uma

³ A partir de 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9394/96, a educação brasileira foi dividida em dois níveis: a educação básica e o ensino superior. O antigo Segundo Grau passou a ser chamado de Ensino Médio (do 1º ao 3º ano).

pedagogia tradicional me acompanharam em todos os espaços escolares pelos quais passei. De Cisplatina à Universidade Federal da Paraíba, a grande maioria dos professores desenhava suas aulas por meio da escrita expositiva, de metodologias tradicionais. Confesso que tinha uma ideia muito equivocada da universidade. Achava que os professores eram exímios didatas, que as metodologias eram inovadoras, que aprenderia ser professor em um curso de licenciatura, que as aulas eram dinâmicas e envolventes. Ledo engano. Logo no primeiro dia, percebi que nada disso era realidade. A maior “inovação” daqueles meus professores era “passar um vídeo” para a turma ou levar um retroprojetor. As metodologias utilizadas eram as mesmas dos meus professores alfabetizadores. A lógica da repetição de conteúdos nas provas continuava. Não fui ensinado a ser professor.

Portanto, a chegada na cidade e a entrada na universidade me ajudaram a desconstruir certezas, a destronar sonhos, a criar outros castelos. Foi um momento em que subjetivo outros conhecimentos, novos cotidianos, representando-me por meio da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes tecidos no curso de História do campus II da UFPB. Nas imagens que vão se formando enquanto estudante de História, “[...] surgem percepções de uma existência, colhidas de forma aleatória, determinada” (Marton, 2003, p. 18). A construção deste relato inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo que, a exemplo da obra de Salvador Dalí - *A Persistência da Memória* -, transborda-se para fora do relógio. Como argumenta Clementino de Souza (2008), a elaboração das narrativas acadêmicas é marcada por uma temporalidade não linear, de uma consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo.

Nos palcos do curso de História, conheci e me dei a conhecer. Fui redesenhando minhas identidades, pensando em outros sujeitos para me habitarem. Além da memória material dos espaços (BG, BC e BD)⁴, a lembrança de vários autores, teóricos ora confusos, ora chamativos, me constituem. Me apaixonei de imediato pelas aulas de *Introdução ao Estudo da História* e de *Teoria da História*, ambas ministradas por Gervácio Aranha, cuja monitora era Rosilene Melo. Nessas disciplinas, George Duby,

⁴ Blocos de aulas da UFPB *Campus II*: Bloco G, Bloco C e Bloco D.

Jacques Le Goff, Karl Marx, E. P. Thompson, Louis Althusser e Michel Foucault foram os “mestres de cerimônia”, alguns deles revisitados em Historiografia Brasileira, ministrada por Fábio Gutemberg ou nos seminários especiais. Conceitos de tempo, evasão, memória, esquecimento, experiências, disciplinamento, panoptismo eram problematizados nas aulas, aliados a discussões sobre o saber histórico enquanto ciência, ficção, arte ou discurso. Cada professor, ao seu modo, ia desenhando em minhas entranhas novas convicções de vida.

O currículo⁵ do curso de História da UFPB tornava-se um dispositivo disciplinar para minha formação intelectual, com leituras que me territorializavam e me elaboravam como sujeito. Tive muitas dificuldades com determinadas discussões que “feriam” minha forma de pensar a vida, o céu, o além, a salvação. Pertencente a uma família de confissão protestante, era difícil ouvir e “engolir” as teorias da história que eram ensinadas. Naquela cidade universitária, era nocauteado quanto às crenças e formas de pensar. Num curso que se dizia inclusivo, eu não me sentia incluído. Era o “outro” da turma. Porém, aos poucos, fui sendo rasgado e trinchado, descosturado, até me tornar um tecido puído do ponto de vista confessional. Ao ser rasgado e me rasgar, tornei-me um com eles.

Os corpos e os saberes eram produzidos por esses campos disciplinares. Cada disciplina da arquitetura curricular funcionava “como formações institucionalizadas que organizam esquemas de percepção, observação e ação e que funcionam como ferramentas de conhecimento e comunicação” (Lenoir, 1993, p. 72). Desse modo, como parte dos dispositivos disciplinares de uma licenciatura em História, os componentes curriculares “são estruturas políticas que fazem a mediação entre a economia política e a produção de conhecimento”. Cada “matéria” com suas leituras eram braços

⁵ O currículo, como um espaço de significação, está estreitamente vinculado ao processo de formação de identidades sociais. É aqui, entre outros locais, em meio a processos de representação, de inclusão e de exclusão, de relações de poder, enfim, que, em parte, se definem, se constroem, as identidades sociais que dividem o mundo social. A tradição crítica em educação nos ensinou que o currículo produz formas particulares de conhecimento e de saber, que o currículo produz dolorosas divisões sociais, identidades divididas, classes sociais antagônicas. As perspectivas mais recentes ampliam essa visão: o currículo também produz e organiza identidades culturais, de gênero, identidades raciais, sexuais. Dessa perspectiva, o currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz (Silva, 2001, p. 27).

escolares dos mecanismos de subjetivação (Veiga-Neto, 1996, p. 255). Mas, além daqueles componentes disciplinares do fluxograma, havia aqueles componentes que estavam fora do programa e aconteciam nos corredores escolares, nas salas de estudo das bibliotecas, no restaurante universitário, nos cafezinhos e nas copiadoras. E fora dos muros escolares, aconteciam no tecido urbano, nos silêncios dos apartamentos, nas repúblicas de estudantes, nas festinhas, nos ônibus das linhas 303 e 333. As engenharias da aprendizagem eram bem maiores daquelas territorializadas pelas paredes acadêmicas.

Sou sabedor de que não existe prática pedagógica que seja neutra, e ao receber o plano de curso dos professores, com o planejamento dos objetivos, a seleção de conteúdo, a colocação de tais conteúdos em ação no circuito das aulas e a metodologia da avaliação, eu não tinha ideia de que tudo aquilo produzia significados que iam além dos territórios da universidade. Tinha muitas impressões, às vezes equivocadas, com cada plano de curso que recebia, uma delas era que a história se fazia pelo gênero masculino, feita por homens, pensada e escrita por estes. Onde estavam as mulheres historiadoras? Eu me questionava nos primeiros semestres do curso. Nas disciplinas de Introdução à História, Teoria da História, História Antiga, História Medieval, Geografia Humana... nenhuma obra escrita por mulheres e poucas menções à presença feminina na história. O olhar colonizador masculino tomava conta dos territórios dos planos de curso. Até que um dia tive o prazer de conhecer as mulheres que escreviam histórias, como Kátia Mattoso⁶, Margareth Rago⁷, Maria Izilda Santos de Matos⁸, Maria Stella

⁶ Um dos livros que li dessa autora foi *Ser Escravo no Brasil*, durante a disciplina História do Brasil I, então ministrada por Frederico de Castro Neves.

⁷ Conheci Margareth Rago pessoalmente, em 1994, numa palestra realizada na Loja Maçônica Regeneração Campinense, sobre o pensamento de Michel Foucault e sua recepção no Brasil.

⁸ Tenho uma relação muito particular com essa historiadora. Um dos primeiros textos que li escrito por Izilda foi durante a disciplina de História do Brasil III. Tratava-se de uma resenha intitulada *Fiar e Tecer: O Ofício do Historiador em uma perspectiva de Gênero* (PROJETO HISTÓRIA, v. 11, p. 179-181, 1994). A sua forma de escrever e de envolver o leitor provocou-me o desejo de ler outras obras suas. Assim, aos poucos fui me aproximando de seus modos de escrever e de tocar o leitor. Em 2018, tive o prazer de fazer um pós-doutorado sob a sua supervisão e juntos escrevemos o artigo “Para maior glória do nosso Brasil: educação e cuidados para a saúde bucal infantil, 1912-1940. *Revista História, Saúde, Manguinhos*. v.25, n.4, out.-dez. 2018, p.1261-1279.

Bresciani⁹, Michele Perrot¹⁰ e muitas outras. Com diversos professores do curso¹¹, aprendi a respeitar o texto historiográfico e o *métier* do historiador; aprendi a não separar as teorias da História das escolas e dos movimentos que as produziram (Historicismo, Positivismo, Escola dos Annales, Nova História, dentre outro/as); aprendi que as leituras não são verdades absolutas, mas leituras, pontos de vista, olhares. Aos poucos, mesmo com a inserção de leituras historiográficas elaboradas por mulheres, percebi que a presença dessas historiadoras num ambiente de poder, como a universidade, não é garantia de igualdade de gênero. Elas continuavam com “menos palavras” do que os homens (Jablonka, 2021, p. 277).

Assim, lendo aqueles historiadores, esforçava-me para compreender conceitos, discursos, textos e intertextos. A história é uma ciência? Esta, talvez, tenha sido a grande interrogação feita por mim durante o curso de Graduação. Aqueles fabricantes de histórias convidaram-me a não me contentar com uma só versão da história e a buscar novas interpretações sobre o saber histórico, seu “sentido” e as análises distintas sobre o estatuto do saber historiográfico, visto e descrito ora como ciência, ora como arte, como narrativa, como discurso. O curso de História transformou-se em uma grande maquinaria social e cultural, cujos planos de cursos e leituras escolhidas pelos professores formavam um grande conjunto de “máquinas” que, operando articuladamente entre si, desempenharam um papel crucial para a minha formação política, cultural e metodológica (Veiga-Neto, 2008, p. 40).

Com o ingresso na universidade, deixei a zona rural, pelo menos durante os dias da semana, de segunda a sexta-feira. Semanalmente fazia o trajeto sítio Cisplatina-Campina Grande. Às segundas-feiras saía de casa às 5h da manhã e às 8h chegava em Campina Grande sendo conduzido por um ônibus pinga-pinga, que parava em todo lugar. O percurso de 120 km demorava mais de três horas. Passageiros de vários perfis se

⁹ Em História Moderna Ocidental, tive contato com o livro *Londres e Paris: o espetáculo da pobreza*.

¹⁰ Quem me apresentou Michele Perrot foi a professora de História Moderna Ocidental, Martha Lúcia Ribeiro, que trouxe à sala de aula a obra *Os Excluídos da História*.

¹¹ Faço referência aos seguintes professores do Departamento de História do *campus* II da UFPB: Leonília Amorim, Martha Lúcia Ribeiro, Odete Amorim, Gervácio Batista, Frederico de Castro Neves, Durval Muniz de A. Júnior, Luciano Mendonça de Lima, Josemir Camilo de Melo, Fábio Gutemberg, Fernando Patriota, José Benjamim Montenegro, Rosilene Montenegro, Aluisio Moreira Franco, Martha Falcão e Celso Gestermeier do Nascimento.

aglomeravam naquele ônibus (também chamado de “sopa”, “expresso” e “coletivo”), fazendo barulho e roubando minhas horas adicionais de sono. Vendedores de umbus, de galinha, mulheres que iam comprar roupas para revender, enfim, tudo era um motivo para falar, para discutir, para planejar. No meio deles, eu, calado e com um livro na mão.

Comecei a conhecer outros cenários, a romper fronteiras, a aprender novas linguagens. Campina Grande se desnudou para mim como foi São Paulo, a pauliceia desvairada, para Carlos Drummond de Andrade nas primeiras décadas do século XX. O centro de Campina, com os calçadões da Cardoso Vieira e da Venâncio Neiva, suas ruas cheias de vendedores e vendedoras ambulantes, o Café Aurora na Praça da Bandeira a destilar notas aromáticas pelo centro da cidade “embriagava” o meu olfato. O café Aurora levava-me de volta ao sítio, aos dias em que mamãe torrava e moía o café e espalhava o cheiro por toda a casa. Esse aroma afetivo eram poemas familiares que a cidade de Campina cantava para mim. Próxima ao café, uma loja enchia os meus olhos: a LOBRAS¹², cuja arquitetura e disposição dos seus artigos convidavam-me a entrar e a consumir. Entrava, mas raramente consumia. Com os poucos recursos financeiros advindos de uma bolsa do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que mal dava para pagar o aluguel do apartamento, treinava o meu olhar e os meus sentidos para não consumir aqueles objetos de sedução.

A arquitetura campinense era uma novidade para mim. As construções em Art Decor da Maciel Pinheiro encantavam-me com o seu colorido e textos próprios desse movimento artístico. Depois aprendi no curso que aquela rua era fruto de um prefeito sonhador, Verniaud Wanderley, que destruiu a arquitetura colonial da cidade para trazer as marcas da França para as casas e edifícios de Campina. Com seu discurso dito moderno, foi demolindo as casas e suas memórias, as igrejas e suas liturgias, as praças e as suas retretas. No lugar de tudo isso, emergiu uma arquitetura moderna, uma arte política, um colorido urbano que destoava dos bairros periféricos como José Pinheiro e

¹² Fundadas em 1944 por Adolfo Basbaum, as Lojas Brasileiras foi uma tradicional rede brasileira de lojas de departamentos e variedades. Encerrou suas ações em 1999 após uma série de prejuízos financeiros que vinham ocorrendo desde 1996. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/06/relembrando-as-lojas-brasileiras.html#.W8qjzmkJlU>.

Conceição. Verniaud Wanderley considerou o seu nome tão francês (verniô) que, quando assumiu o governo municipal, queria o estilo decor para rimar com a sonoridade do seu nome. Assim, demoliu lugares, altares e memórias.

O cinema Babilônia me convidou a entrar pela primeira vez e assistir ao filme “Luzia-Homem”¹³, num festival de cinema regional. Depois dele, vieram muitos outros. Tudo era novidade, diferente da minha paisagem de interior, cercada por açude, cacimba, algaroba e pés de caju. Em Cisplatina, costumávamos assistir a filmes num galpão improvisado. De vez em quando, Heleno Melo ou outro “rodador” vinha “passar” um filme, geralmente fora do circuito nacional, com mais de cinco anos que tinha sido lançado, no Armazém de Geno Melo ou de Duda Procópio. Naquelas salas de cinema improvisadas, a maioria sentava-se no chão e outros levavam tamboretas e cadeiras para assistirem filmes dos Trapalhães (O Mundo Mágico dos Trapalhães, Os Saltimbancos Trapalhães, Os Vagabundos Trapalhães), para rirem e se identificarem com as peripécias de Mazzaropi (Jeca contra o Capeta, A banda das velhas virgens) ou chorarem com as mocinhas sofredoras, principalmente dos filmes que vinham do “exterior”. Um “clássico” que foi rodado no galpão do sítio, e bastante comentado, foi Fuscão Preto¹⁴, estrelado por Xuxa Meneghel e Almir Rogério. A platéia chorou compulsivamente com o filme “Coração de Luto”¹⁵, com Teixeira e Mary Terezinha, e os mais jovens, principalmente os homens, ficavam eufóricos com as histórias de “A Lenda de Tarzan”

¹³ *Luzia Homem* é um filme brasileiro de 1988, baseado no romance homônimo do escritor Domingos Olímpio. Dirigido por Fábio Barreto, o filme foi gravado na fazenda Teotônio, município de Madalena, no Ceará. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10222/16/15.pdf>. Acesso em 12 jun. 2023.

¹⁴ *Fuscão Preto* - um filme brasileiro baseado na música "Fuscão Preto", de Atílio Versuti e Jeca Mineiro, interpretada por Almir Rogério. O filme foi gravado nas cidades de Mogi Guaçu, Mogi Mirim e Espírito Santo do Pinhal, todas do interior do estado de São Paulo. Disponível em: PEREIRA, Odirlei Dias. No rádio e nas telas: o rural da música sertaneja em sua versão cinematográfica. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011

¹⁵ *Coração de Luto* é um filme brasileiro do gênero drama, dirigido por Eduardo Llorente, em 1967. O filme é baseado na música "Coração de Luto" e na história de Teixeira. A música tornou-se um sucesso internacional, ocasionando, em 1965, a atenção do produtor de cinejornais Derly Martinez, da empresa Leopoldis Som, que resolveu convidar Teixeira para co-produzir e roteirizar um filme baseado na história pessoal do cantor. Martinez articulou a proposta, usando Teixeira e sua esposa como atores principais, e a letra da música como base para o roteiro. Em 1968, o filme chegou a ser exibido em toda a América, tendo um público de mais de 17.508.332. Disponível em: FALCÃO NETO, José Muniz. Memórias dos cinemas no Vale do Mamanguape: uma análise fílmica de Teixeira Coração de luto (1967). *Sociabilidades Urbanas - Revista de Antropologia e Sociologia*, v.3,n.7, p. 113-126, março de 2019. https://pt.wikipedia.org/wiki/Cora%C3%A7%C3%A3o_de_Luto. Acesso em 10. Jun. 2023.

(1984), as aventuras de “King Kong” (1976) e com as peripécias de Tony Vieira e Cara de Gato no filme “Calibre 12” (1988).

A partir dos anos 90, deixei o território dos galpões de Cisplatina para assistir aos filmes no Cine Babilônia, em Campina Grande. Na geografia campinense, combinava-se a destruição dos hábitos e maneiras culturais vistas como ultrapassados e a subjetivação de práticas e condutas autorizadas pela estética vigente dos anos de 1990. Era um tanto quanto imperativo afastar-me da minha “matutice” do sítio e aproximar-me do mundo ilustrado da academia e da urbanidade campinense. Confesso que foi uma operação dolorosa, pois até hoje raízes do brega e do cafona ainda me habitam. Continuo sonhando com os filmes que eram “rodados” nos galpões. Havia uma química que não conseguia encontrar nas salas dos cinemas citadinos, principalmente dos shoppings centers.

Como um grande palimpsesto, Campina Grande apresentou para mim as suas linguagens, a vida que pulsa nas ruas centrais (13 de Maio, Eptácio Pessoa, João Pessoa, Pedro II, Irineu Joffily, Floriano Peixoto, Getúlio Vargas) ou periféricas; o dia-a-dia das residências do bairro da Prata ou do Alto Branco, os sujeitos acelerados que caminham nas paisagens urbanas e pontilham as ruas calçadas ou lamacentas dos bairros Santo Antônio e Nova Brasília com as suas histórias, com os seus gestos, com a sua vida, com a sua morte, com as suas tramas e dramas, com os seus vendedores de pamonhas e milho verde. Cotidianamente, cruzava com os ônibus que buscavam os trabalhadores do Distrito Industrial, de empresas como Alpargatas, Silvana, Cadensil e Azaleia.

Meu olfato foi educado pelos novos cheiros que vinham de restaurantes como Cabana do Possidônio, da confeitaria La Suíssa, mas também do picado de bode da Feira Central e do aroma singular do Café Aurora da Praça da Bandeira. O meu paladar, até então acostumado com as comidas do sítio, desejou um novo alimento, uma comida “de fora”, de outros lugares, de outros espaços: pizza, bauru, egg burger, sanduíche, bem diferente da batata-doce, do pão-de-milho e da macaxeira que comia quase que diariamente em Cisplatina. Mas toda sexta-feira à tarde, de volta para a casa de meus pais no ônibus da Expresso Nacional, meu paladar novamente desejava a comida caseira.

Os monumentos campinenses e seus pontos simbólicos falavam da vida intelectual dos que nela habitam e dos seus visitantes; seu comércio central e periférico falam das mais diversas atividades que no seu interior se produzem ou se negociam; as três ceguinhas de Campina Grande, popularizadas no filme *A pessoa é para o que nasce*¹⁶, que pedem ajuda aos transeuntes, falam “[...] da distribuição de sua riqueza ao estender a mão em busca de esmolas” (Barros, 2007, p. 40). As ruas centrais da cidade compunham esse cenário de exclusão social, de espaços ocupados por mendicantes, por cantadores de viola em busca de alguns trocados, de ambulantes e transeuntes. A cidade era esse palco de diferenças sociais, de corpos que se distinguiam pelas formas de vestir, pelos tecidos que usavam, pelos sapatos e acessórios. As sedas e cetins luminosos se diferenciavam das chitas, popelines e terçais. Cada tecido ia marcando o território urbano de acordo com o status social do corpo que lhe cobria. O feio e o belo, o brega e o chique, tudo acabava se misturando no frenesi da cidade

A topofilia intelectual

Como um “poeta do detalhe”, no dizer de Certeau (1982), o “eu” historiador procurava reconhecer os territórios que me ajudariam a crescer intelecto e academicamente. Assim, transformava o rangido das portas dos blocos de sala de aula em tema musical, o ruído dos ônibus e carros em mensagens “civilizatórias”, o quarto frio e úmido do subterrâneo da casa em que morei na rua Arrojado Lisboa em um palco de sonhar. Era urgente deslocar as fronteiras do “atraso” e subjetivar a topografia interna da cultura letrada, cientificamente autorizada, considerada pela academia como aquela que “superaria o atraso”. Dessa forma, aos poucos fui sendo colonizado pelas leituras furtivas, ou não, dos livros da Livraria Livro 7¹⁷, da Livraria Pedrosa¹⁸, da

¹⁶ A PESSOA é para o que nasce. Direção: Roberto Berliner. Produção: Riofilme. Roteiro: Maurício Lissovsky. Música: Hermeto Pascoal. Apoio cultural: Ancine e Petrobrás. 2003.

¹⁷ Fundada em 27 de julho de 1970, no Recife, a Livro 7 funcionou como um centro cultural aberto a outras linguagens, como música e teatro, e consolidou-se como a maior do País, de 1992 a 1996, o que está registrado no Guinness Book. A livraria, em Campina Grande, era pequena e estava localizada na Praça da Bandeira, 117 - Centro.

¹⁸ Fundada por José Pedrosa em 1953, a Livraria Pedrosa tornou-se um espaço frequentado pelos grandes “formadores de opinião” locais. Estava instalada na Rua Maciel Pinheiro, mais precisamente no Edifício do Livro, esquina com a Rua Monsenhor Sales, construído sobre a área onde se localizava a antiga Praça Epitácio Pessoa, em frente ao Pavilhão Epitácio. Disponível em:

Biblioteca Pública Municipal de Campina Grande e da Casa do Colegial. Estes passaram a ser espaços por mim frequentados, porém, o espaço que mais me abraçava era a Biblioteca Central do Campus II da UFPB. Ali, passava todas as tardes envolto em livros e leituras.

Conjugando leituras obrigatórias das disciplinas curriculares com aquelas que ia encontrando nos corredores ou nas estantes das bibliotecas, minhas identidades foram reformatadas, (re)esculpidas, desterritorializadas e reterritorializadas, no dizer de Haesbaert (2004). Novos abecedários iam se descortinando diante dos meus olhos. Como uma criança aprendiz diante das letras e sílabas das antigas cartas de ABC, assim era eu no universo universitário do curso de História. Com Karl Marx aprendi os funcionamentos dos modos de produção e passei a ver a cidade como uma maquinaria movida pela luta de classes (Marx, 1985); com Michel Foucault passei a compreender melhor os meus corpos, a questionar as biopolíticas subjetivadas por mim nos espaços religiosos, familiares, escolares. Vi que, nas ruas ou fora delas, meu corpo é coordenado por dispositivos disciplinares, por engenharias discursivas e não-discursivas que me modelam, me punem e me vigiam (Foucault, 2017).

Caminhando pelos bairros da cidade, enxergava Michel de Certeau nas artes de caminhar no início da manhã ou no fim de tarde às margens do Açude Velho¹⁹; nas artes de cozinhar em fogões a lenha ou em fogareiros nos bairros da Liberdade e de José Pinheiro; nas artes de dançar no Parque do Povo, durante o Maior São João do Mundo²⁰; nas táticas de sedução e palavras erotizadas das prostitutas e garotos de programa das ruas Índios Cariris e João Pessoa; das artes de vender e de acenar aos fregueses dos vendedores da Feira Central (Certeau, 2013). As leituras de Michel de Certeau, principalmente *A Invenção do Cotidiano e Cultura no Plural* me permitiram ler os

<http://cgretalhos.blogspot.com/2014/10/faca-do-livro-o-seu-melhor-amigo-2014.html> Acesso em 10 jun

¹⁹ O Açude Velho é um dos pontos turísticos mais importantes de Campina Grande, na Paraíba, e é um lugar muito frequentado pelos moradores locais e turistas que visitam a cidade. O açude é o primeiro da cidade, construído em 1877 para abastecer a população, e hoje é um espaço de lazer e prática esportiva. O entorno do Açude Velho é cercado por quiosques de restaurantes e bares, que oferecem grande variedade de opções de comidas e bebidas. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/guia-gualeaboa/acude-velho-cartao-postal-de-campina-grande/>. Acesso em 12 jun. 2023.

²⁰ Festa que ocorre na cidade de Campina Grande desde 1983. Em 2003 completou 40 anos de atividades. O evento ocorre no Parque do Povo durante 30 dias. Até o início dos anos 2000, a festa era caracterizada, especialmente, pelo ritmo do forró. Aos poucos, músicos de outros gêneros musicais ganharam destaque nos palcos do Maior São João do Mundo.

territórios da cidade a partir de outras lentes. Suas lojas, quiosques, paradas de ônibus, feiras livres dos bairros, tudo era ressignificado sob a influência certeaniana. Lentamente, as leituras acadêmicas iam formando outras representações da cidade, do habitar, do viver, do morar.

Foi na disciplina de Teoria da História, com o professor Gervácio Batista Aranha, que a cidade mudou de lugar em minhas percepções. O motivo? Walter Benjamin. Fiquei fascinado com os modos de enxergar a urbe e suas urbanidades desse ensaísta e sociólogo alemão nos idos das décadas iniciais do século XX. Que sensibilidade de poetizar a pedra e o cal, de ouvir os sussurros diários de homens e mulheres no frenesi das grandes metrópoles, de sentir o suor gotejando dos trabalhadores em movimento, de perceber a ebulição humana nos bulevares europeus. Somente a leitura de pesquisadores do urbano e de seus corpos habitantes seriam capazes de mudar as sensações sobre a cidade que já estavam arraigadas em mim. Com Benjamin, eu vi o pobre (assim como eu) indo trabalhar em dias de chuva ou de sol; vi os ônibus sugando e vomitando os seus passageiros, habitantes temporários que subiam e desciam apressadamente; vi crianças de colo chorando ou sorrindo com o barulho dos transportes; percebi que os homens e mulheres vão construindo suas histórias a partir de seus movimentos diários (Benjamin, 2000). Enxerguei melhor as tramas capitalistas da cidade, com homens e mulheres dirigindo-se às indústrias têxteis, às sintéticas, às lojas comerciais, aos serviços diários. Lembrei-me de Baudelaire ao descrever que era

“[...] impossível não ficar emocionado com o espetáculo dessa multidão doentia, que traga a poeira das fábricas, que inspira partículas de algodão, que se deixa penetrar pelo alvaiade, pelo mercúrio e todos os venenos utilizados na fabricação de obras primas (Baudelaire apud Benjamin, 2000, p. 11).

Como as letras de um alfabeto para crianças nos primeiros dias da vida escolar, Campina Grande e a UFPB passaram a ser pacientemente decifradas, lidas, decodificadas, problematizadas por mim como um discurso, como um grande texto urbano que “[...] aloja dentro de si textos menores, feitos de placas de ruas que evocam memórias e imaginários, de cartazes que são expostos nas avenidas para seduzir” (Barros, 2007, p.45). A cidade “[...] é um grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos, inclusive os das pequenas conversas produzidas nos encontros cotidianos”

(Barros, 2007, p.45), nos bancos do Centro de Humanidades, na escadaria da biblioteca do Campus II, nas arquibancadas do ginásio nos dias das aulas de Educação Física, no coreto que embeleza a entrada principal do Campus.

Nessas novas, embora tímidas, paisagens e topofilias urbanas, o meu corpo é reescrito, reelaborado, repensado, reconfigurado ou desconfigurado. A partir das leituras, me desterritorializava para construir novos afetos, para explorar outros percursos do corpo e das emoções. Nessas novas descobertas sobre o corpo, os sentidos e a sensibilidade foram fundamentais para me ajudar a perceber as singularidades, as falas, os gestos e os códigos do corpo e da alma urbana.

Na Universidade, redesenhei novas estéticas da amizade e de afeições. Fiz amigos no ato da leitura, nas cabines de estudo da biblioteca central, nas filas do restaurante universitário (RU) e no banquinho de concreto que ficava em frente ao Departamento de História e Geografia, no antigo bloco CH. Colegas de turma entraram para o meu coração, como Conceição, a doce Tanda, que vinha todos os dias de Soledade (PB). A cidade também se apresentava como territórios de amizades sinceras. Com Tanda, aprendi que a superação é um ato diário. Dividia a vida entre ser mãe de dois filhos pequenos, um esposo, uma sala de aula no Colégio Luiz Gonzaga Burity e as muitas leituras que o curso de História exigia. Sandra Guedes, outra amiga que ganhei no curso e que a perdi quando ela foi embora para o Norte. Com a ausência de Sandra, entendi que a amizade quando não é cuidada torna-se uma flor murcha, pisada pelos pés que caminham apressados para ganhar a vida. Jaqueline! Ah, Jaqueline! Por que fostes embora quando ainda estavas começando a viver?! A doença misteriosa a tirou de nosso meio, ainda tão jovem, ainda com tantos sonhos. Sua partida fala-me de uma amizade que começou, mas que nunca terá fim. Tanda, Sandra, Jaqueline, Itamar, Rúbia Micheline. Com elas, fui compreendendo aos poucos que um modo de vida pode “dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética” (Foucault, 2010, p. 349). Com vocês, aprendi o quanto a cidade é múltipla, plural, que abraça, que beija, que valoriza os seus praticantes. Com vocês, aprendi que

a universidade é uma cidade de emoções diárias, vividas e sentidas em suas salas, corredores, bibliotecas, copiadoras, ambientes de professores.

Considerações finais

São muitas as cidades que nos habitam, que paralisam, muitas vezes, as nossas emoções. A cidade que narrei possui uma singularidade em minhas entranhas: foi nela que fiz o curso de graduação. Para mim, ela é um ponto de transição entre o jovem morador da zona rural e o novo residente dos bairros campinenses. É uma cidade que, para mim, representa uma nova vida, deixando de ser, apenas, o filho do agricultor, para ser um graduando, um aluno de História, um migrante de territórios e emoções, de identidades e sentimentalidades. Campina e Cisplatina são espaços que me provocam à reflexão, que se desnudam como potências criativas e astutas (Detienne; Vernant, 2008) de minhas memórias e lembranças várias. Fazem parte de um amontoado de ruínas e de novas fabricações arquitetônicas, de novos e velhos materiais. Cisplatina não é apenas o meu passado e Campina não representa apenas o meu futuro. São arquiteturas que não me estimulam a evocar tão somente as perdas, como afirma Baptista (2022, p. 17), mas se constituem em simbioses de emoções diversas que envolvem tanto a meditação quanto as fugas, ganhos e lesões, curas e feridas, interfaces onde o novo e o velho se encontram e se conectam. Foram espaços que me feriram e me fizeram chorar, mas também que me proporcionaram antídotos para passar nos entulhos das minhas emoções e reconfigurar os sentidos (ou as faltas deles) do ser, pois “[...] o sentido nasce tanto da plenitude e da eternidade como, também, do luto e da história, mesmo se, através deles, estamos em busca de um outro tempo” (Baptista, 2022, p. 17).

Campina Grande apresenta-se como um local de transfusão. Fundiam-se em mim vários eus possíveis, identidades fragmentadas e/ou emergentes. Nas vias, veias e artérias dessa cidade, fui modelando-me como o barro que obedece às mãos do oleiro, massa afeiçoada ao estudo, apalpada e acariciada pelos artesãos da palavra que transforma a terra. Mas na cidade também fui massa rebelde, desobediente e indócil.

Caminhei e habitei as cidades proibidas pelos meus pais e líderes religiosos, desconstruí o trajeto traçado por eles e, com pedras, entulhos ou lamas, enderecei-me para as cavernas escuras, para os guetos escondidos e sinuosos, para as ruelas enevoadas ou à meia-luz. Aos poucos, o sítio Cisplatina tornava-se lugar de visitação nas férias ou em épocas de festas e tornava-se saudade. Outros verbos eu arranjaría para conjugar Cisplatina. Ela guardaria as melhores (e piores) lembranças da minha infância e adolescência e continua, até hoje, sendo um lugar idílico, um pousio para os meus sentimentos e pensamentos. Cisplatina é alegria, liberdade de andar e sinônimo de comida boa. Mas Campina Grande é a cidade de outras liberdades, de territórios vazios que eu queria preenchê-los. Descosturei-me todo, de fio a pavio, para fazer de Campina uma tela na qual eu pudesse pintar cenários que, nas moitas de Cisplatina, não seria possível. Foi em Campina que aprendi como a educação superior é uma ponte para muitas emancipações. Ah! Campina! Ah! Ciscampina!

Referências

- BAPTISTA, L. A. dos S. Fragmentos de um horizonte em ruína: divagações sobre histórias dos restos. In: SILVA, Rodrigo Lages; MIRANDA, Aline Britto (Orgs.). **Horizontes coletivos: experiência urbana e construção do comum**. Curitiba: CRV, 2022. p. 17-28.
- BARROS, J. D. **Cidade e história**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BENJAMIN, W. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. São Paulo: Arara, 2002.
- CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DÉTIENNE, M.; VERNANT, J.-P. **Métis: as astúcias da inteligência**. São Paulo: Odisseus, 2008.
- FALCÃO NETO, J. M. Memórias dos cinemas no Vale do Mamanguape: uma análise fílmica de Teixeira Coração de luto (1967). *Sociabilidades Urbanas - Revista de Antropologia e Sociologia*, v. 3, n. 7, p. 113-126, 2019. Disponível em: <https://www.cchla.ufpb.br/grem/sociabilidadesurbanas>. Acesso em 12 jun. 2025.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- FOUCAULT, M. Da amizade como modo de via. In: FOUCAULT, M.. **Ditos e Escritos: Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à**

multiterritorialidade. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.

JABLONKA, I. **Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades**. São Paulo: Todavia, 2021.

LENOIR, T. The discipline of nature and the nature of disciplines. *In*: MESSER-DAVIDOW, E.; SHUMWAY, D. R. (Eds.). **Knowledges: historical and critical studies of disciplinarity**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1993. p. 70-102.

MALERBA, J. **A corte no exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARX, K. **O Capital: o processo global de produção capitalista**. São Paulo: DIFEL, 1985.

MARTON, S. Z. Memorial. 2003. Memorial (Concurso de Professor Titular em História da Filosofia Contemporânea) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: https://www.fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2017-11/Scarlett_Marton.pdf. Acesso em: 12 jun. 2025.

PEREIRA, O. D. **No rádio e nas telas: o rural da música sertaneja em sua versão cinematográfica**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, T. T. da. **O currículo como fetiche: a política e a poética do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, E. C. de. (Auto)Biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Identidades**, v. 4, ano 2, p. 37-50, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1808>. Acesso em: em 12 jun. 2025.

VEIGA-NETO, A. **A ordem das disciplinas**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

VEIGA-NETO, A. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. *In*: XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2008, Porto Alegre. Anais [...] Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas, 2008. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/04/CrisedaModernidadeAlfredo.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2026.

Recebido: 31 ago 2024
Aceito: 17 dez 2025